

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DO CONDADO EM BILBO BAGGINS

THE INFLUENCE OF THE SHIRE CULTURE ON BILBO BAGGINS

Suzana Schuquel de Moura¹
Rosemari Lorenz Martins²
Edilaine Vieira Lopes³

RESUMO

Este artigo versa sobre a influência do ambiente externo na formação do sujeito, por meio da literatura, no caso em questão, analisar a influência do condado na personalidade e nas atitudes da personagem Bilbo Baggins, da obra de literatura fantástica escrita por John Ronald Reuel Tolkien, em meados dos anos 1930.

Palavras-Chave: Cultura. Comportamento. Literatura Fantástica.

ABSTRACT

This article addresses the influence of the external environment in the development/formation of the individual. This will be done through an analysis of the Shire's influence on Bilbo's personality and actions, from the work of fantastic literature written by John Ronald Reuel Tolkien, in the mid-1930s.

Keywords: Culture. Behavior. Fantastic Literature.

¹ Graduada em Letras Português - Inglês (Universidade Feevale), 2020. Escritora do livro "O Mundo Interior de Bilbo Baggins, publicado pela Nea edições acadêmicas em 13/07/2021. Aluna de aperfeiçoamento científico em Letras Português - Inglês, pela Universidade Feevale, 2021/2. Pós graduação em andamento, em Mentoria Docente, Universidade Feevale, em parceria com o Instituto Tampere (Finlândia), (Discente e tradutora). Pós graduação em Tradução de inglês, em andamento. (Centro universitário Descomplica). Especialização em Tradução para dublagem, pela Sociedade Brasileira de Dublagem. Concluído em 20/08/2021. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0650450945977940>

² Graduada em Letras- Português/Alemão (1993), Especialista em Linguística do Texto (1996) e Mestre em Ciências da Comunicação (1999) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013). Atualmente é professora permanente do Mestrado Profissional em Letras e do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e professora do curso de Letras da Universidade Feevale. Atua como pesquisadora nos grupos de pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais e Informática na Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4951548133959060>

³ Edilaine Vieira Lopes é graduada em Letras; pós-graduada em Tecnologias e Educação a Distância e com especialização em andamento em Atendimento Educacional Especializado e em Educação Inclusiva; mestre em Educação e doutora em Letras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7385721779493141>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a influência do ambiente externo, neste caso do condado de Fundo do Saco, nas ações e personalidade do Hobbit Bilbo Baggins, que passou cerca de metade de sua vida adulta, vivendo segundo os preceitos e crenças do grupo ao qual pertencia. A partir desta análise literária, busca-se compreender o papel e importância da cultura/sociedade em que o indivíduo está inserido em sua formação e comportamento, impactando em suas crenças e ações ao longo da vida. Para tanto, este trabalho terá como base a obra literária “O Hobbit”, de J. R.R. Tolkien, a teoria de comportamento e sociedade de Stuart Hall, e embasada em teorias da psicologia concernentes à personalidade.

2 A INFLUÊNCIA DA CULTURA DO CONDADO EM BILBO BAGGINS

A cultura do condado em que Bilbo vivia era fechada, restrita. Os hobbits que lá habitavam viam o novo como ameaça, o aventurar-se por terras distantes como um erro. O que era considerado certo pela comunidade era, pois, viver conforme as regras que aprenderam com seus pais e avós, lhes interessava mais, participar das festas da comunidade de Bag End, alimentar-se bem, relaxar, sentado em uma cadeira, fazendo anéis de fumaça, curtir o dia, seguindo a rotina de sempre. Nada pode ser melhor que um dia tranquilo, aproveitando o que se tem à disposição. Abaixo, uma descrição mais detalhada dos hobbits, seus costumes e hábitos, para que se tenha uma breve noção de como eram estas singulares figuras de Fundo do Saco.

Eles têm tendência a serem gordos no abdome; vestem-se com cores vivas (principalmente verde e amarelo), não usam sapatos porque seus pés já tem uma sola natural semelhante a couro, e também pelos espessos e castanhos parecidos com os cabelos da cabeça (que são encaracolados); têm dedos morenos, longos e ágeis, rostos amigáveis, e dão gargalhadas profundas e deliciosas (especialmente depois de jantarem, o que fazem duas vezes por dia, quando podem). (TOLKIEN, 2012, p. 2).

Nota-se, tanto na obra de Tolkien quanto em comunidades espalhadas pelo mundo, a influência que a criação e o ambiente ao qual o indivíduo está inserido exerce sob a sua personalidade/psique. Com isto, quer se dizer que, a cultura, o meio e os padrões familiares exercem um papel disciplinador e formador de identidade em

seus descendentes e, por conseguinte, habitantes/moradores de determinada comunidade. É o que nos explica a teoria de Michel Foucault, recapitulada por Hall (2014, p. 38)

O objetivo do "poder disciplinar" consiste em manter "as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo", assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas "disciplinas" das Ciências Sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir "um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil".

Os padrões dos habitantes de Fundo do Saco, eram praticamente iguais, em aparência, não se diferenciavam uns dos outros, a maneira de viver e a forma de ver o estrangeiro, o que era proveniente de outras culturas, foi passado como herança, de geração a geração. O poder disciplinar exercido pela comunidade de Bilbo, o fez acreditar por muito tempo que aquela forma de viver era a correta, que qualquer mudança de comportamento era um grave desvio e não deveria ser aceito e muito menos comentado entre os pares da pequena sociedade que habitava o topo da colina. Observa-se esta tendência modeladora na sociedade a qual Bilbo estava inserido, quando ele é interpelado por Gandalf, ou seja, suas palavras dizem muito sobre o poder do condado em sua psique e ações do dia a dia. Vamos ao momento exato da fala do Sr. Bolseiro.

Por esses lados! Nós somos gente simples e acomodada, e eu não gosto de aventuras. São desagradáveis e desconfortáveis! Fazem com que você se atrase para o jantar! Não consigo imaginar o que as pessoas veem nelas - Disse nosso Sr. Bolseiro, colocando um polegar atrás dos suspensórios e soprando outro anel de fumaça ainda maior. (TOLKIEN, 2006, p. 4).

Não que o indivíduo não possa agir diferente daquilo que foi ensinado e professado em seu meio, mas, muitas vezes, há uma barreira imposta pelo ambiente, em outras palavras, o indivíduo encontra um muro entre o que quer e o que vivencia e tem, tornando difícil transpor esta barreira/obstáculo, pois a mudança gera ansiedade e instabilidade e o mundo fora da realidade presenciada e algo estranho, fora de perspectiva e, por vezes, assustadora.

“Multidão!”, pensou o Sr. Bolseiro. “Isso não soa bem. Realmente preciso me sentar um pouco e colocar a cabeça no lugar, e tomar alguma coisa.” [...] O pobrezinho do Hobbit sentou-se no corredor e colocou as mãos na cabeça, querendo saber o que havia acontecido e o que iria acontecer, e se eles todos iriam ficar para o jantar. (TOLKIEN, 2012, p. 9, grifos do autor).

Bilbo não percebe, mas muito de seu comportamento de Bolseiro vem da vivência com os hobbits do condado. Ele acredita que será sempre assim, como seus conterrâneos, porque não teve outras experiências fora de Bag End, não entrou em contato com povos diferentes, não foi desafiado. Passou meio século de sua vida rodeado pelos mesmos indivíduos, crenças e atitudes. Comportamentos cristalizados, difíceis de romper, por conta do hábito, de estar acomodado, acostumado com o ambiente que o cerca. Bilbo vivia de uma forma metódica, sempre as mesmas ações. Visitas eram poucas, apenas dos parentes que moravam perto, o que ocorria esporadicamente. Nada que demandasse muito esforço, empenho como anfitrião.

A chegada dos anões à casa do simplório hobbit, é, pois, uma situação que foge do controle e do esperado, gera cansaço, confusão e medo. Assim como acontece conosco. Não estamos preparados para sair da rotina, entrar em contato com o diferente, com o que excede ao que estamos acostumados. Percebe-se em nós que o ambiente ao qual estamos atrelados, dita o ritmo de nossa vida, faz com que nos acostumamos com o mesmo fluxo de pessoas, com a rotina, imbuindo em nós a crença de que aquela é a nossa vida, nosso jeito de viver, portanto, passamos a nos sentir inseridos e acostumados com tais ambiências e estímulos, não precisamos mudar, procurar por algo que está fora de nossa perspectiva de mundo.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2006, p. 50).

Esta era a comunidade, a vida de Bilbo, repleta de símbolos, representações, discursos modeladores que ditavam o sentido que o pequeno hobbit dava a sua realidade, ao seu meio. Era difícil, para ele pensar no que existia além da colina, assim como era impensável ver o mundo com os olhos do outro. Aquela era sua narrativa de mundo, seu povo. Percebe-se, por meio da análise do comportamento do Sr. Bolseiro e do ambiente ao qual vive, que o indivíduo encontra-se “costurado” a

estrutura a qual faz parte. Aquele é o seu mundo, desde que nasceu, é a sua cultura, o seu lar, ou como Hall explica sobre o eu e a sociedade: “A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade.” (HALL, 2006, p. 11) e esta interação com o meio em que vive, vai costurando o indivíduo a estrutura.

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p. 12, grifos do autor).

E assim como a personagem central da história de Tolkien, nós nos tornamos predizíveis, unificados. Bilbo tornou-se a imagem e semelhança dos seus, estava “costurado” a estrutura do condado, não só ele, como seus conterrâneos, que viam o diferente como uma ameaça à tranquila estrutura que criaram e em que passaram a viver. E, de uma forma sutil, a cultura do condado passa a influenciar comportamentos, personalidade e aparência física de seus moradores, que agem de acordo com o que foram ensinados. Desta forma, os preceitos foram internalizados, cristalizados dentro de cada um. Sendo assim, Bilbo via-se inteiro, uno, quando, de fato, espelhara-se, desde pequeno, nos modelos/exemplos ao seu redor, ou seja, ele, enquanto criança, assimilava e criava sua imagem à semelhança de seu pai, tido como um bom exemplo, pois havia internalizado que, do lado materno, alguns membros não eram tão respeitados quanto os Bolseiros, pois, vez ou outra, sumiam, empenhavam grandes aventuras e passeios.

Sua identidade moldou-se desde a infância, aos preceitos, crenças e influências dos parentes paternos. O que acabou por criar uma fantasia do “eu” imutável, com raízes inabaláveis. Nasci assim, cresci assim e serei sempre assim, não importa o que aconteça. E assim foi, por cerca de 50 anos, Bilbo não mudou porque não precisava, sua vida seguia tranquila, sem sobressaltos. Mas, como bem sabemos, nada permanece igual para todo o sempre, nem mesmo nossas inclinações e quereres.

Naquilo que Lacan chama de “fase do espelho”, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer auto-imagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se “imagina” a si própria refletida - seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro-como uma “pessoa inteira” (LACAN, 1977, grifos do autor *apud* HALL, 2006, p. 37).

Conforme mencionado anteriormente, voltamos agora ao motivo do desprestígio do clã Tûk, por parte da comunidade de Fundo do saco, motivado, principalmente, pelo preconceito e a não aceitação que os Bolseiros tinham com relação a característica mais desprendida e aventureira demonstrada por membros do Clã de Beladona, mãe de Bilbo.

Havia neles algo não de todo hobbitesco, e, de vez em quando, alguns membros do clã Tûk saíam em busca de aventuras. Desapareciam discretamente, e a família silenciava sobre o assunto; mas permanecia o fato de que os Tûks não eram tão respeitáveis como os Bolseiros, embora fossem indubitavelmente mais ricos. (TOLKIEN, 2012, p. 3).

A curiosidade tão característica dos Tûk era motivo de vergonha, digno de ser repreendido e esquecido. Agindo assim, a comunidade procurava neutralizar, com a intenção de manter unificada a personalidade dos seus habitantes, fazendo com que aquele que tivesse o mínimo desejo contrário aos aceitos pelo grande grupo, reprimisse o seu sonho, o seu querer, por acreditar que estava cometendo um erro, querendo algo que não precisava e que não podia desejar. E assim a vida seguia, os anos passavam, conforme as regras estabelecidas pela sociedade em geral, todos viviam regidos pela moral e os bons costumes dos hobbits tradicionais e respeitáveis, os Bolseiros. O que nos explica Sullivan sobre a situação social e a influência nas reações e ações do sujeito.

Em cada situação social, imaginamos o que outras pessoas pensam a nosso respeito e reagimos de acordo. Às vezes, as pessoas mudam para uma nova cidade para "começar de novo" — elas tentam apresentar nova imagem a novos amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Elas podem se dar bem se tiverem cuidado em não recorrer a velhos padrões. (SULLIVAN *apud* FRIEDMAN; SCHUSTACK, p. 340, 2004).

Levando em conta a situação social na qual Bilbo estava envolvido, ele foi assimilando os comportamentos, pensamentos, reagindo aos estímulos do seu entorno, por esta razão ele pensava que tudo permaneceria igual, e, de fato, permaneceu igual por boa parte de sua vida, até que uma outra situação social bateu à sua porta, ou melhor, outros seres. Vamos aos nomes: Gandalf, Thorin e cia. Este encontro com os forasteiros e aventureiros anões e o mago, gerou uma mudança de perspectiva, um choque, a partir do qual Bilbo precisou pensar e agir de uma outra maneira, completamente diferente e inaceitável pelos seus vizinhos. O Sr. Baggins

passou do choque a ação, em um curto espaço de tempo, ao decidir fazer parte da aventura proposta pelos estranhos visitantes.

Esta primeira mudança de pensamento e atitude de Bilbo, revela que, na verdade, ele ilude-se com a ideia de que nunca mudará, manterá o conformismo com a sua realidade, esquecendo-se que mais cedo ou mais tarde, algo ou o contato com o exterior poderá provocar uma ruptura com seu estavel mundo. Tendo Bilbo Baggins como exemplo, sua tranquila jornada de meio século de vida, não contava com a chegada de Gandalf para desestabilizar a sua estrutura e fazer aflorar no simples Bolseiro as características do seu lado adormecido Tûk.

Nota-se que, a comunidade/sociedade em que o Sr. Bolseiro viveu boa parte de sua vida, sufocava a sua natureza criativa e exploratória, sedenta por aventuras. Os Bolseiros viam como um erro sair do condado e buscar por novas experiências. Bilbo aceitou esta narrativa como sua e agia de acordo, e mesmo sendo curioso, reprimia este lado de sua personalidade e acreditava que isto era o certo a se fazer. Afinal de contas, não poderia perder o respeito da comunidade em que estava inserido.

Sullivan denominou ilusão de individualidade a ideia de que uma pessoa tem uma personalidade única e imutável. De certo modo, podemos ter tantas personalidades quanto às situações interpessoais nas quais vivenciamos. Visto que a personalidade depende principalmente de expectativas sociais. Sullivan responsabiliza a sociedade (em vez das neuroses internas), por grande parte dos problemas do indivíduo. A sociedade parece sufocar as necessidades de desenvolvimento criativo do indivíduo. A ansiedade vem de fora, e não de dentro da pessoa. (SULLIVAN *apud* FRIEDMAN; SCHUSTACK, p. 340, 2004).

Ele, tampouco, contava com a contrariedade de sua tão estável forma de viver e pensar, mas foi preciso o forasteiro chegar, com suas histórias e aventuras, para que o Sr. Baggins começasse a ter uma certa variação em suas atitudes. Conforme Hall (2006) nos explica, temos identidades contraditórias, somos duais em nossa personalidade, por mais que acreditemos no contrário, ou seja, que sempre agiremos e pensaremos da mesma forma, nossas ações e quereres nos empurram para direções opostas. Com Bilbo não foi diferente, por mais que ele estivesse confortável com o “eu” que havia internalizado e, portanto, aceito como real e imutável, dentro dele havia uma outra identidade que esperava por uma oportunidade para emergir,

deslocar-se e provocar a mudança, o choque de pensamentos e identidades Bolseiro e Tuk.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 2006, p. 13, grifo do autor).

A contradição em Bilbo tornou-se visível, no primeiro contato com Gandalf, ao dizer reiteradas vezes que não estava interessado em aventuras e, muito menos, em ouvir propostas que o mago, porventura, dissesse. Mas em seu íntimo, o Sr. Baggins ouvia as histórias dos aventureiros de sua família, com muita atenção. Imaginava como teriam sido as aventuras hobbitescas de outros tempos, muitos e muitos anos atrás. Claro que ele estava agindo como ditavam as normas dos bons costumes do condado em que vivia e, portanto, não era possível para ele, naquele momento, perceber a contrariedade entre o que pensava, dizia e fazia, afinal, tudo o que se passava na cabeça de Bilbo, era fruto de processos inconscientes que estão sempre em contínua formação, como bem nos lembra Hall (2006, p. 38). Ou seja, esta dualidade somente tornou-se perceptível, quando Bilbo Baggins entra em contato com personagens diferentes, como Gandalf e os anões.

A comunidade em que vivia o Sr. Bolseiro era, sim, o poder disciplinador e dominante, controlava as ações e sentimentos dos habitantes. Criava um padrão tido como correto e aceito e um como o errado e inaceitável. Eles eram, pois, corpos dóceis, como salienta Hall. Habitantes perfeitos de uma comunidade perfeita.

As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação;
Elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. (SCHWARZ, 1986, p. 106 *apud* HALL, 2006, p. 49).

Todos participavam e passavam as crenças e narrativas do certo e errado adiante, criando assim, uma unidade em que os habitantes viviam conforme as regras estabelecidas, eram leais aos seus antepassados, as tradições. Afinal, Bag End não seria o condado que era, se não fosse pelo povo que ali vivia, que cultuava, respeitava e agia da mesma maneira, formas de agir que passaram de geração em geração.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51, grifo do autor).

Segundo Carl Rogers, as pessoas não são somente impulsionadas e moldadas pela sociedade, ou seja, apesar da cultura dominante do local em que vivem ditar regras e tradições, elas são livres para decidirem por si mesmas e, para se sobressair, agirem por si mesmas, elas precisam lutar internamente para evoluírem e se responsabilizarem sozinhas pelos seus atos e escolhas. “Elas são potencialmente livres para exercer controle sobre si mesmas; não são simplesmente impulsionadas e moldadas. Porém, elas têm de lutar para assumir essa responsabilidade por si mesmas.” (ROGERS *apud* FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004, p. 311).

E, sendo o indivíduo responsável por suas escolhas e atos e livre para decidir o que é melhor para si, acontece a ruptura com os preceitos da sociedade em que vive e da realidade que presencia em seu dia a dia. A tranquilidade dá lugar a ansiedade, pois ele passa a vivenciar o mundo com uma outra perspectiva, diferente daquela que estava acostumado. Esta ansiedade não é de todo negativa, pois, como afirma Frankl “ essa ansiedade pode abrir caminho para o sucesso e para a auto satisfação. (FRANKL *apud* FRIEDMAN; SCHUSTACK, p. 315, 2004).

Bilbo estava acostumado com a mesma situação social, portanto, agia de acordo com os preceitos da comunidade de Bag End. Ele nunca havia presenciado realidades diferentes do condado, era sempre a mesma rotina, os mesmos indivíduos, o que fez com que ele aprendesse e assimilasse aquela cultura e jeito de viver como seu e, conseqüentemente, acreditasse que nunca mudaria, aquela era a sua “personalidade”, seu jeito de ver o mundo e ponto final.

Em cada situação social, imaginamos o que outras pessoas pensam a nosso respeito e reagimos de acordo. Às vezes, as pessoas mudam para uma nova cidade para "começar de novo" — elas tentam apresentar nova imagem a novos amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Elas podem se dar bem se tiverem cuidado em não recorrer a velhos padrões. (SULLIVAN, grifos do autor *apud* FRIEDMAN; SCHUSTACK, p. 340, 2004).

E assim como cada situação social exige do indivíduo formas diferentes de agir e pensar, em cada cultura, por mais fechada que seja, com hábitos enraizados, pode observar variações diferentes de um habitante para outro, pois, na formação daquela

cultura, daquela população ali existente, há classes sociais distintas, variações de personalidade e, por conseguinte, de reações e perspectivas diferentes uns dos outros, ou seja, há o fator cultura do grande grupo e cultura familiar e características genéticas influenciando no comportamento e visão de mundo do sujeito. Conforme Friedman e Schustack (2004). E, assim, foi com Bilbo, por mais que ele se comportasse como o espelho de seu tranquilo e pacato pai, nutria, em sua essência, outras vontades, o desejo de experimentar o que havia fora de sua “caverna”. Assim como alguns hobbits, do lado Tûk, haviam experienciado.

3 CONCLUSÃO

Este artigo que teve como objetivo analisar a influência do ambiente externo, neste caso específico, do condado de Fundo do Saco, nas ações e personalidade do Hobbit Bilbo Baggins, o qual passou cerca de metade de sua vida adulta, vivendo segundo os preceitos e crenças do grupo ao qual pertencia. A partir desta análise literária, buscou-se compreender o papel e importância da cultura/sociedade em que o indivíduo está inserido em sua formação e comportamento, impactando em suas crenças e ações ao longo da vida. Para tanto, este trabalho teve como base a obra literária “O Hobbit”, de J. R.R. Tolkien, a teoria de comportamento e sociedade de Stuart Hall, embasada em teorias da psicologia concernentes à personalidade e relação entre indivíduo e sociedade. Notou-se que há uma forte influência do meio na formação da cultura e, por conseguinte, dos sujeitos que dela fazem parte. Há de se ressaltar que, apesar da cultura local exercer grande influência na psique dos seus habitantes, há outros fatores que devem ser levados em conta, no que tange a maneira como o indivíduo age em determinadas circunstâncias, tais como: cultura e contexto familiar, e a exposição ou não a circunstâncias alheias às presenciadas no seu dia a dia. Portanto, Bilbo Bolseiro, além de sofrer a influência das culturas internas e externas, sofria para romper com as barreiras do já vivenciado, da cultura e rotina ao qual estava inserido, um embate entre o que tinha como certo e o que queria experimentar.

REFERÊNCIAS:



FRIEDMAN, Howard S.; SCHUSTACK, Miriam W. **Teorias da Personalidade**: da teoria clássica à pesquisa moderna. 2. ed. São Paulo? Pearson/Prentice Hall, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. -Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O HOBBIT**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.